

ENTRE A TRADIÇÃO E A TÉCNICA: a agricultura familiar em São Francisco do Tabocal – AM

Natasha Laís de Souza Gomes¹

RESUMO

O trabalho trata da agricultura familiar na Comunidade São Francisco do Tabocal, localizada à margem esquerda do Rio Amazonas, uma comunidade que tem como uma das suas principais atividades econômicas a agricultura, atividade desenvolvida pela maioria dos seus moradores. A investigação, de cunho qualitativo, deu-se por meio de entrevistas estruturadas, observação participante e registro em diário de campo. Evidencia-se que a realização do trabalho agrícola não está mais relacionada apenas aos ensinamentos tradicionais dos antepassados, mas também das novas formas de produção aprendidas pelos moradores/produtores, junto a instituições que fornecem orientação especializada, que permitem melhorar a qualidade dos seus produtos.

Palavras-chave: agricultura, técnicas, casa de farinha.

ABSTRACT

The work is about the family agriculture in the São Francisco Community Tabocal, located on the left bank of the Amazon River, a community that has as one of its main economic activities in agriculture, an activity developed by the majority of its residents. The research, a qualitative, was made by using structured interviews, participant observation and journaling field. It is evident that the performance of agricultural work is not more related only to the traditional teachings of our ancestors, but also new forms of production learned by residents / producers, with institutions that provide expert guidance, for improving the quality of their products.

Key words: agriculture, techniques, flour house.

¹ Estudante de Graduação. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). natasha.lais@hotmail.com

I – INTRODUÇÃO

Os camponeses ribeirinhos trabalham retirando os elementos oferecidos pela natureza através dos rios, das florestas e das águas. Dentre as atividades mais comuns desenvolvidas pelos homens e mulheres do campo estão a pesca, a caça, o extrativismo vegetal e a agricultura, práticas que compõem os mundos do trabalho, de onde os ribeirinhos retiram o seu sustento, pois são polivalentes, ou seja, realizam várias atividades produtivas ao longo do ano.

Entre as populações rurais, que habitam a região amazônica, a atividade predominantemente feita por eles é a agricultura, prática que demanda a participação das pessoas do núcleo familiar, e em alguns casos até mesmo de outras pessoas da comunidade, por se tratar de uma tarefa com várias etapas de produção, que demanda bastante força e esforço. O desenvolvimento da agricultura é destinado tanto para o sustento dos moradores como uma atividade econômica que serve como complementação da renda familiar, para que eles possam comprar os outros produtos que não são produzidos por eles.

Hoje, tal atividade agrega os conhecimentos tradicionais repassados de geração à geração e algumas técnicas resultantes de estudos especializados, as quais são levadas às comunidades por meio de programas e projetos governamentais que visam o desenvolvimento agrário e florestal, de forma sustentável.

II – AGRICULTURA NO CENÁRIO AMAZÔNICO: ALGUNS ANTECEDENTES

A prática da agricultura começou a ser realizada depois da migração dos índios da Ásia e/ou Oceania, pelo Estreito de Behring, para a América (do Norte, Central e do Sul). De acordo com Porro (1995), eles estavam caçando as grandes manadas de mamíferos e acabaram se espalhando pelo continente americano. A alimentação desses povos era baseada na caça, pesca, extração de sementes, raízes e frutas. Ao longo dos anos, a população indígena nas Américas foi aumentando, os índios começaram a dominar as técnicas de domesticação de plantas silvestres, legumes e outros. O estilo de vida nômade, que tinham antes da prática da agricultura, foi modificado por um estilo de vida sedentária, com a formação das aldeias.

Na Amazônia, antes da chegada dos europeus, havia muitas tribos indígenas que praticavam a agricultura. A tribo dos índios Omáguas – os índios das águas – se alimentava das sementeiras de mandioca, que lhes forneciam a alimentação básica, e eles estavam localizados, na maioria das vezes, nas ilhas, praias ou beiras dos rios, lugares passíveis de inundações anuais. Apesar de saberem que ano a ano aconteceriam as inundações dos rios, que poderiam perder suas plantações e não ter quase nada para sobreviver no período da cheia, eles não se retiravam desses lugares onde moravam, pois as gerações anteriores também habitavam aqueles locais perto dos rios, com casas grandes e retangulares, espalhadas pela beira dos rios, compostas por famílias extensas (várias famílias nucleares), com muitas redes e grandes vasos cerâmicos para o armazenamento dos alimentos.

Meggers (1977), citada por Witkoski (2007), nos mostra como acontecia o processamento da mandioca: começavam deixando de molho as raízes durante cinco dias, depois elas eram retiradas, descascadas e amassadas em um pilão, fazia-se a extração do suco e a polpa era passada em uma peneira cilíndrica; a massa era “pulverizada e peneirada para fazer a farinha, que era espalhada com a mão numa assadeira e prensada com uma cabaça, para formar um bolo chato” (WITKOSKI, 2007, p. 65).

Segundo Witkoski (2007), os caboclos/ribeirinhos são os herdeiros do modo de vida dos índios das águas, devido sua ligação biológica, histórica e cultural com a população ameríndia que vivia na planície amazônica. Por isso, ser caboclo é admitir que possui traços comuns aos índios Omáguas; características comuns que ainda se encontram presentes no modo de vida adaptado dos ribeirinhos junto à várzea, principalmente na questão da alimentação e da moradia.

Para Noda et al (1997), com o passar dos anos, os sistemas agroflorestais usados pelos indígenas e mestiços da Amazônia estão sofrendo modificações com a modernização da agricultura regional, como no caso da introdução de assentamentos de agricultores que são responsáveis por paisagens com características diversas nos espaços rurais da prática do cultivo. Têm-se dois tipos de produtores: os caboclos que adquiram alguns conhecimentos dos indígenas, em que a natureza é fonte de vários produtos, e mantém biodiversidade da paisagem, e tem os agricultores que realizam o monocultivo, o desenvolvimento da “agricultura convencional”.

Segundo Lamarche (1998), a agricultura familiar, em especial a do Brasil, possui algumas questões que são de grande importância para o seu estudo e compreensão. A primeira questão está relacionada à existência ou não do

campesinato no país, pois para uma corrente de pensamento social, ele não é tão importante e não existiu historicamente dentro do país, mas já foram feitos vários estudos que acreditam na existência do campesinato, os quais se tornaram referência para a história agrária brasileira. Os estudos estão fundamentados, primeiro, na análise do lugar do campesinato, segundo na análise sobre o modo de vida tradicional devido às transformações que aconteceram na agricultura do país e da região.

Dentro de algumas pesquisas realizadas, constatou-se que o campesinato foi reproduzido dentro de grandes propriedades, servindo como força de trabalho nas plantações, pequenos estabelecimentos familiares para a agricultura de subsistência.

A segunda questão diz respeito às perspectivas da agricultura familiar diante das modificações da sociedade, em especial o setor agrícola. Tanto no Brasil como nos demais países, a agricultura camponesa tradicional sofre transformações significativas com a modernidade da agricultura e do meio rural.

III - AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO TABOCAL

A Comunidade São Francisco do Tabocal, localizada à margem esquerda do Rio Amazonas, é uma comunidade rural que desenvolve as atividades de pesca, caça, extrativismo vegetal e a agricultura, sendo esta última atividade bastante comum entre os seus moradores.

Todos os anos, o rio Solimões/Amazonas faz os movimentos de enchente (subida dos rios), de cheia (nível mais alto das águas), de vazante (descida do rio) e da seca (nível mais baixo das águas). O período de enchente dá-se de dezembro até abril, a cheia acontece entre maio e julho, a vazante entre agosto e setembro e a seca ocorre em outubro e novembro, como indica a pesquisa de WITKOSKI (2007).

A maioria dos moradores desenvolve a atividade de agricultura o ano inteiro, mas também há aqueles que alternam tal atividade com a pesca, a caça e o extrativismo vegetal, principalmente em função do movimento das águas, já que há períodos que eles consideram mais propícios para cada uma das atividades.

Em se tratando especialmente da agricultura, 55% dos entrevistados alegaram que são agricultores o ano inteiro, enquanto que 45% desenvolvem a agricultura de acordo com o calendário hidrológico. Dentre estes, identificamos que a agricultura é realizada mais no período da cheia (entre maio e junho), seguido pelo período da vazante (agosto e setembro), como podemos verificar no Quadro 1:

Atividade/período	Enchente	Cheia	Vazante	Seca
Agricultura	5%	20%	15%	5%

Quadro 1 – Período de desenvolvimento da agricultura
 FONTE: Pesquisa de campo, 2011.

Para desempenhar a atividade agrícola, é importante conhecer as diferentes etapas que compõem o processo produtivo, que vão desde o planejamento do que será plantado, a preparação do solo, a plantação do roçado, até chegar à colheita e a preparação dos produtos. Um momento fundamental deste processo é a preparação do roçado.

De acordo com os moradores, primeiro se roça o local que vai ser utilizado para o cultivo dos produtos, depois se queima a vegetação mais grossa, faz-se a limpeza/coivara da vegetação que restou e, em seguida, são plantadas as sementes que serão cultivadas.

A pesquisa revelou que o roçado e o plantio são feitos nos meses de maio, agosto e setembro, época considerada pelos agricultores locais como mais apropriada para o desenvolvimento dessas etapas, demandando de 4 a 5 pessoas para fazer/ajudar na plantação de um roçado. As famílias agricultoras, na maioria, possuem seus próprios espaços específicos para que realizem suas plantações, mas existem núcleos familiares que não tem seu próprio terreno e precisam pedir emprestado o terreno do vizinho, do compadre. Esse tipo de situação pode ser observada na fala de um dos entrevistados: “cada qual planta no seu próprio terreno; às vezes o dono do terreno cede para alguém se quiser usar” e, ainda: “é dividido nos lotes, cada um conhece os extremos do seu terreno, e sabe que deve fazer dentro dos seus limites” (Pesquisa de campo, 2011).

Para que seja desenvolvido o plantio dos produtos, os agricultores fazem um planejamento. Esse planejamento pode ser feito apenas pelo esposo, por toda a família em uma reunião familiar, ou em poucos casos, do marido e a esposa plantarem seus produtos separadamente.

Dentre os principais produtos cultivados na comunidade estão a mandioca (95%), a macaxeira (80%) e o milho (45%). Além desses três principais produtos cultivados, também é possível encontrar plantações de maxixe, maracujá, melancia, jerimum, mamão, pepino, abóbora e feijão. A mandioca, principal produto cultivado, oferece múltiplas possibilidades para os produtores agrícolas, visto que, dela, pode-se

produzir vários derivados, dentre os quais merecem destaque: farinha (mais comum), farinha de tapioca, goma, pé de moleque, tucupi, beiju e tapioca; esses derivados são produzidos em uma casa de farinha que se encontra na própria comunidade.

A Casa de Farinha Higiênica encontrada na comunidade de São Francisco do Tabocal foi construída por meio de um projeto do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM) e com os recursos do Governo Federal, através do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), conforme informações colhidas durante visita à instituição.

O IDAM é um órgão estadual que desenvolve atividades/trabalhos com as comunidades rurais, presente em todos os municípios do Amazonas, mantido com os incentivos do Governo Estadual e convênios com o Governo Federal.

O projeto das Casas de Farinhas Higiênicas (CFH) tinha/tem como meta a construção dessas casas nos lugares que realizam a atividade agrícola, tendo como meta implementar 40 CFH no Amazonas, sendo que, até o momento, foram colocadas 38 CFH em funcionamento.

Depois de ser aprovado o projeto, os lugares com produção agrícola foram selecionados. Um dos critérios de seleção dos locais para sediarem a casa de farinha era a comunidade não estar localizada dentro de assentamentos rurais, pois esses lugares já recebem recursos do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Os recursos oferecidos pelo Governo Federal para a construção da casa de farinha são destinados apenas para a compra dos materiais do alicerce da obra, enquanto que a construção, propriamente dita, deveria ser feita pelos moradores da comunidade, baseando-se na planta do projeto da Casa de Farinha Higiênica. Um trabalho conjunto do governo Federal (recursos financeiros), do Governo Estadual/IDAM (acompanhamento e incentivo) e dos próprios moradores (mão-de-obra) resultou na edificação da Casa de Farinha Higiênica da Comunidade São Francisco do Tabocal.

A comunidade é um dos desses 38 lugares que possuem a Casa de Farinha Higiênica, por conta da sugestão de uma pessoa do IDAM que sabia que nessa comunidade havia a produção agrícola. Depois da casa de farinha estar pronta, a instituição faz um acompanhamento a 30 pessoas, de 53 produtores agrícolas da comunidade (diagnóstico feito pelo IDAM), com técnicas especializadas que desenvolvam uma qualidade melhor da farinha, como, por exemplo, a forma de descascar a mandioca. Ao invés da raspagem que era feita pelos moradores, antes de

entrarem em contato com os técnicos da instituição, hoje adota-se a técnica de descascar a mandioca, a qual permite uma maior pureza da farinha, porque não ficam resíduos da casca e o amargor não é sentido no produto final. Além disso, os moradores são ensinados a produzir outros derivados da mandioca, como bolos, fuxicos e muito mais.

O acompanhamento realizado pelo IDAM se dá através de cursos oferecidos pelos técnicos da própria instituição local e central e, também, por técnicos de outras instituições, que ministram cursos de hortaliças, criação de pequenos animais, cítricos, e principalmente, para a produção da farinha. Os cursos feitos na comunidade estão relacionados com a demanda dos moradores (o que eles querem aprender), assim como da disponibilidade de um técnico que saiba ensinar sobre o assunto demandado.

A assistência fornecida pela instituição também está relacionada com o fornecimento da mandioca, maniva (selecionada pela Embrapa), hortaliças, frutas, sementes (milho, feijão, arroz, mamão, maxixe, repolho, maracujá, tomate etc.), o que não pode ser dito com relação ao fornecimento de adubos. De certa forma, isto acaba sendo um entrave para o avanço da atividade agrícola, porque nem sempre os moradores dispõem do dinheiro para investir na compra de adubo e, conseqüentemente, o resultado da plantação acaba não saindo como esperado.

Uma das atividades que o IDAM faz na comunidade é o trabalho de comparação da mandioca usada pelos moradores e uma mandioca desenvolvida pela Embrapa. Esse trabalho é feito na unidade demonstrativa da própria comunidade (área de plantação), onde são plantados dois tipos de mandiocas (um, do modo realizado pelos produtores da comunidade; e outro, com o manejo especializado da Embrapa e com a adubação). Depois do processo de cultivo e desenvolvimento do produto (mandioca), a produtividade dos dois tipos é comparada (quantidade de mandioca e de produção da farinha). Se a mandioca cultivada pelo IDAM tiver uma maior produtividade do que a mandioca cultivada pelos moradores, aquele tipo de mandioca da Embrapa (BRSPURUS) é oferecida aos produtores agrícolas para que eles também possam produzir em maior quantidade para o seu sustento.

Com relação à manutenção da Casa de Farinha, a responsabilidade de organização, modo de uso, estado físico do local fica por conta dos próprios moradores, enquanto que o IDAM apenas participa das reuniões da comunidade.

IV – CONCLUSÃO

A comunidade São Francisco do Tabocal, assim como várias comunidades espalhadas pelo Estado do Amazonas, adquiriu seus conhecimentos de agricultura por meio da herança deixada pelos primeiros habitantes da região, realizando técnicas tradicionais de desenvolvimento da agricultura, do modo de plantar, conhecendo a época mais propícia para um cultivo mais próspero, entre outras características. Ao longo dos anos, os moradores foram aperfeiçoando suas técnicas contando com a ajuda de instituições, como o IDAM, que trabalham com a prática agrícola (direta ou indiretamente) e que contribuem/auxiliam para que os produtores agrícolas consigam continuar provendo seu sustento com mais qualidade e produtividade e para que a comercialização dos seus produtos seja bem reconhecida no mercado.

V – REFERÊNCIAS

- ADAMS, Cristina, Ed; MURRIETA, Rui, Ed.; NEVES, Walter, Ed. Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, 2006
- LAMARCHE, Hugues (coord.) A agricultura familiar comparação internacional. Vol. II do mito à realidade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998
- NODA, S. N. et al. O trabalho nos sistemas de produção de agricultoras familiares na várzea do Estado do Amazonas. In: NODA, H.; SOUZA, L. A. G.; FONSECA, O. J. M. (Ed). Duas décadas de contribuição do INPA à pesquisa agrônômica no tropico úmido. Manaus: Inpa, 1997.
- PORRO, Antonio. O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- WITKOSKI, Antônio Carlos. Terra, floresta e água: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007 (Série: Amazônia: a terra e o homem).